

BARÃO DE MAUÁ

Existe uma enorme preocupação e curiosidade para se descobrir se tal ou qual personalidade foi ou é maçom. É bom recordar que homens como Mozart, Washington, Gandhi, Barão de Mauá, o foram. Mas estes grandes homens atingiram suas posições pelas qualidades pessoais que tinham e seriam famosos, independente de ter pertencido à Ordem.

Devemos nos encher de orgulho, saber que partilhamos com eles dos mesmos ideais. Porém nunca, apropriar-nos de seus méritos como modo de nos impor à sociedade. O famoso maçom é aquele que em seu círculo profissional, familiar ou de amigos merece o apreço e o respeito dos que o rodeiam. Sempre fui conhecedor da grande figura de brasileiro que foi Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, mas buscando na literatura e nos anais da história, descobri que sua representatividade extrapola a imagem de um representante do povo ou de um visionário.

Irineu Evangelista de Sousa, Barão e Visconde (com grandeza) de Mauá, já nasceu com uma estrela na testa. Ele é considerado o pai da Indústria Nacional e a ele devemos, além do incremento dos negócios brasileiros em nível nacional e internacional, o desenvolvimento dos transportes por rodovia, ferrovia e pelos grandes rios do País. Foi também ele que criou o sistema bancário brasileiro que, em certo período, chegou a controlar toda a vida econômica da república do Uruguai. Nasceu pobre e vivia com parentes maternos que não tinham condições de lhe oferecer um futuro de grandes perspectivas.

Enfrentou a orfandade como engraxate, além de prestar outros pequenos serviços. Com o consentimento da mãe, seguiu para a capital do Império. Aos 12 anos foi promovido a caixeiro na principal loja de um empresário prospero. Até hoje não se sabe onde e como aprendeu a ler

e escrever. O empresário britânico Richard Carruthers, gostou de Irineu dando-lhe trabalho em seu escritório e, à noite, ensinava-lhe inglês e contabilidade.

A nova experiência de trabalho iria, uma vez mais, alterar radicalmente o rumo de sua vida, porque o emprego na empresa do inglês representaria para ele o passaporte de entrada para um clube fechado: a Maçonaria. Mauá escreveria mais tarde: "Tudo que há de bom em mim e tudo que fui capaz de realizar provém das lições inspiradas em minha convivência com este senhor. Ao ser aceito na Maçonaria, Irineu ganhava outra dimensão aos olhos de Richard. Não havia como negar que ele gostava desse jovem brasileiro mais do que dos próprios filhos. Para um escocês avarento, que apreciava muito as manifestações sentimentais, tal constatação era algo extraordinário. Richard foi contagiado por um mundo brasileiro em que as relações pessoais importavam mais do que as próprias leis. Em um dia qualquer Richard reuniu os empregados da empresa para lhes dizer que estava retirando-se dos negócios para descansar em sua terra natal.

Tal atitude implicava em escolher alguém para continuar os negócios. O escolhido foi Irineu Evangelista de Sousa. Irineu prosperou, enriqueceu-se, casou-se e foi feliz, mas continuou a estudar e a sonhar com o progresso do Brasil. Mauá instalou a primeira companhia de fundição em Ponta de Areia para construções navais; inaugurou, no Rio de Janeiro, a iluminação a gás em substituição aos lampiões de óleo de peixe; fundou a primeira estrada de ferro, entre Mauá e a Raiz da Serra rumo a Petrópolis. Nessa ocasião recebeu o título de Barão de Mauá, e a locomotiva da composição foi chamada "Baronesa" em homenagem à sua esposa.

Foi igualmente Mauá que fundou vários bancos entre eles aquele que se tomaria o Banco do Brasil. Quando Dom Pedro II resolveu instalar no Vale do Amazonas uma companhia de navegação para a exportação de produtos da região, o único brasileiro capaz de levar

adiante o projeto, era Mauá. Por iniciativa dele, outras companhias passaram a explorar a navegação no Rio Amazonas.

O maior sonho de Mauá era, contudo a comunicação do Brasil com o Mundo por cabo submarino, tendo o monarca entregue esta incumbência a Mauá. Como deputado, tratou na Câmara de questões comerciais, defendendo diversas medidas tendentes a beneficiar a indústria do País. Recebeu, então, do Imperador o título de Visconde. Mauá, liberal anti escravocrata, foi muito combatido pelos proprietários de terras e políticos conservadores nos quais se apoiava o 11 Império.

Quando passou a expandir seus negócios em escala planetária, com dezessete empresas em seis países, aí sim saltaram sobre ele os grandes adversários: banqueiros internacionais, ditadores latino-americanos, políticos do partido conservador e figuras da sociedade passaram a fazer parte da luta diária do Visconde numa história que se confunde com a própria formação de um País que já então assustava seus vizinhos.

Embora, pelas leis da época, fosse obrigado a liquidar muita de suas empresas, continuou rico até o fim de sua vida. Ironicamente seu ocaso coincidiu com o fim do Império, ao longo do qual, mesmo remando contra corrente, protagonizou uma aventura empresarial sem paralelo em qualquer outro momento de nossa História. Mauá foi muito mais que um homem de seu tempo, por sempre ter ido além do que parecia possível. Ele era, sobretudo, um empreendedor, um criador de teorias que somente em nosso tempo vêm tomando corpo e consciência.

Que o G.: A.: D.: U.: a todos ilumine e guarde.
Or.: de São Paulo, aos 19 de março de 2004 da E.: V.: